

IV Encontro Nacional da Anppas  
4,5 e 6 de junho de 2008  
Brasília - DF – Brasil

---

## **Representações Sociais Acerca do Meio Ambiente de Moradores do Entorno de uma Unidade de Conservação em Campinas-SP**

**Lívia Junqueira de Camargo**  
Bióloga  
[liviacamargo.bio@gmail.com](mailto:liviacamargo.bio@gmail.com)

**Andréa Quirino de Luca (Fundação José Pedro de Oliveira)**  
Bióloga, Mestre em Recursos Florestais, Educadora Ambiental  
[andreaquirino@yahoo.com.br](mailto:andreaquirino@yahoo.com.br)

**Jodir Pereira da Silva (PUC-Campinas)**  
Biólogo, Doutor em Oceanografia Biológica, Professor da PUC-Campinas  
[prof.jodir@gmail.com](mailto:prof.jodir@gmail.com)

### **Resumo**

Este trabalho foi realizado com familiares de crianças que participam do Programa de Educação Ambiental “Crianças do Entorno”, desenvolvido desde 2003 na Unidade de Conservação Mata Santa Genebra, em Campinas, SP, que é administrada pela Fundação José Pedro de Oliveira. O objetivo foi verificar quais os entendimentos de meio ambiente destas pessoas afim de verificar a necessidade de um programa para a comunidade adulta do entorno. A metodologia foi qualitativa, através do estudo de caso, e as ferramentas utilizadas para a coleta de dados foram: entrevista semi-estruturada, relatos e gravador. Foram entrevistadas nove mulheres. Para a análise dos resultados foi utilizada a Teoria de Representação Social, proposta por Marcos Reigota. Foi verificado que mais de uma representação social apareceu na fala das entrevistadas. Como resultado, 88% das entrevistadas possui uma visão naturalística de meio ambiente, que exclui o homem de sua esfera; 22% das falas mostram uma visão utilitarista, como se a natureza só provesse recursos como ar puro, água e clima, embora haja a noção de que o homem não vive sem a natureza; 33% das falas descrevem o meio ambiente como problema. A concepção de meio ambiente como o “local onde se vive” também esteve presente em 33% das falas, porém a visão quanto ao homem pertencer à natureza não está clara. Sugere-se, então, a implantação de um programa de Educação Ambiental também para os adultos, baseado na Educação Ambiental crítica, popular, e no exercício do pertencimento destas pessoas tanto em relação à natureza, como à Mata.

**Palavras-Chave:** Educação Ambiental, pesquisa qualitativa, representações sociais.

## 1. A Mata de Santa Genebra e Seu Entorno

A Mata de Santa Genebra é o maior remanescente florestal de Mata Atlântica do município de Campinas – SP, correspondendo a uma área de 251 ha. Está localizada ao norte do município, no Distrito de Barão Geraldo, às margens das Rodovias Dom Pedro e General Milton Tavares de Souza, fazendo divisa com a cidade de Paulínia.

A área pertencia originalmente à Fazenda Santa Genebra, propriedade do Barão Geraldo de Rezende, que com a produção de café contribuiu para a dizimação da cobertura vegetal nativa de Campinas. Esta fazenda, ao longo da história, teve diversos donos, sendo que o último foi José Pedro de Oliveira. Após seu falecimento, sua viúva Jandyra Pamplona de Oliveira doou a sombra da Mata para a Prefeitura Municipal de Campinas. Esta foi uma maneira de proteger a floresta, pois se por algum motivo a área fosse desmatada, a terra voltaria a pertencer aos herdeiros de José Pedro e Jandyra, e não mais à prefeitura. Esta doação foi realizada no dia 14 de julho de 1981, e nesta mesma data foi criada a Fundação José Pedro de Oliveira, para administrar e conservar a Mata de Santa Genebra (POLYDORO *et al.*, 2000).

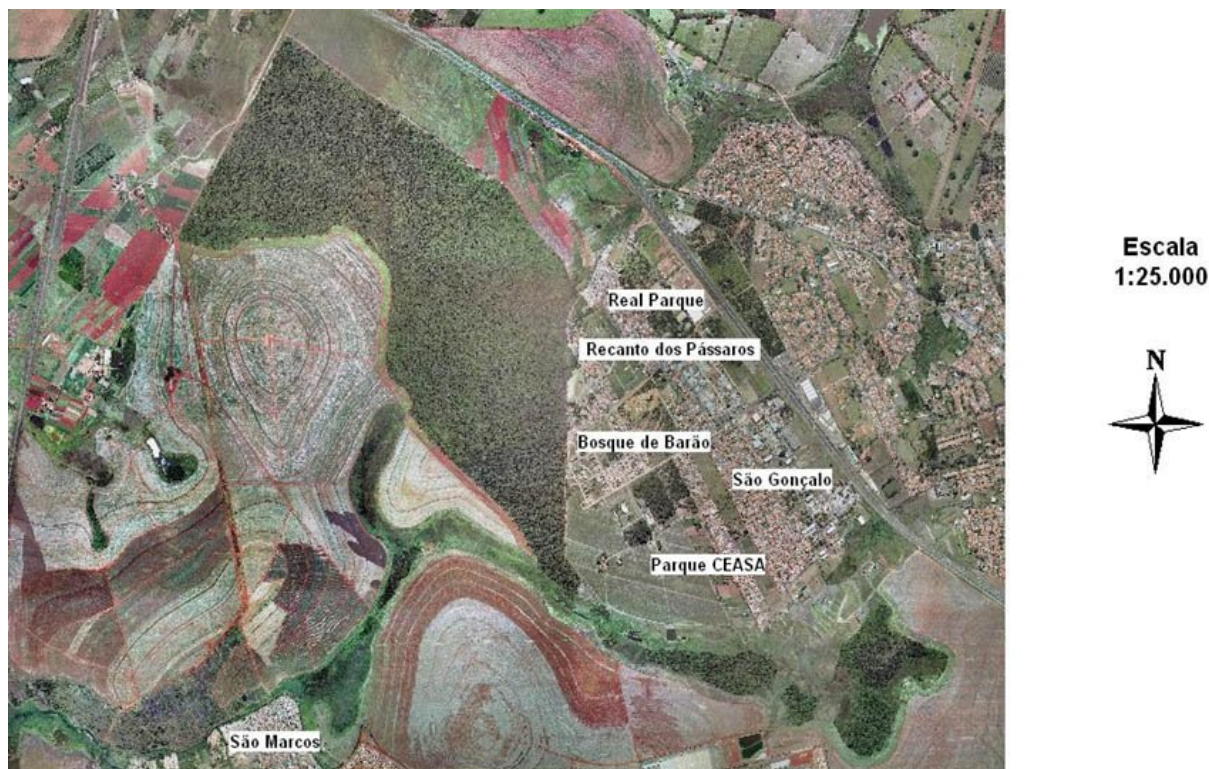
Em 1983, a Mata foi tombada pelo Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado de São Paulo). Em 1985, foi declarada como ARIE (Área de Relevante Interesse Ecológico). Finalmente, em 1992, foi tombada pelo Condepacc (Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico, Cultural de Campinas) (POLYDORO *op. cit.*).

A Fundação José Pedro de Oliveira (FJPO) possui uma equipe interdisciplinar para o exercício do manejo e conservação da Reserva. São desenvolvidos diversos projetos, entre eles projetos de educação ambiental, envolvendo escolas, a comunidade de Campinas, cursos de férias e atividades com as crianças moradoras dos bairros próximos.

O entorno da Mata é composto por rodovias, condomínios residenciais, ocupações, áreas agrícolas e sofre uma série de pressões dessas matrizes tais como os riscos de incêndio, a especulação imobiliária, invasões, a deposição de entulho, a erosão do solo e o assoreamento dos brejos, a contaminação da água por esgoto doméstico, o uso de agrotóxicos, a caça, a presença de animais domésticos e de criminosos, e os efeitos de borda. A ocupação deste entorno se deu através da chegada de pessoas ligadas às atividades agro-industriais em meados dos anos 60, e a especulação imobiliária começou a partir dos anos 80. Os bairros Real Parque e Novo Parque Real, por exemplo, antigamente eram apenas ocupações ilegais, distantes do centro e conhecidos como regiões violentas e pelo baixo nível de renda da população. Hoje existem vários condomínios onde moram famílias com condições financeiras superiores à dos seus vizinhos, ou seja, há um contraste socioeconômico muito grande.

Muitas casas ainda não possuem rede de esgoto nem fossas sépticas. Os encanamentos de água pluvial recebem ligações clandestinas de esgoto e deságuam na floresta, contaminando suas nascentes. Além do problema da rede de esgoto, estes bairros sofrem uma série de

problemas socioambientais, com os quais muitos moradores convivem há aproximadamente 30 anos. A Figura 1 representa a Mata de Santa Genebra e o seu entorno.



No intuito de minimizar estes conflitos socioambientais, a FJPO realiza o “Programa Crianças do Entorno”, um projeto de educação ambiental contínuo que atende as crianças moradoras dos bairros vizinhos à Mata desde 2003. As atividades são desenvolvidas de maneira lúdica, e algumas pesquisas realizadas por membros da equipe do projeto mostram que existem resultados positivos em relação à percepção dos problemas locais, ao sentimento de pertencimento em relação à Mata e ao Planeta e à visão crítica das crianças quanto aos problemas que enfrentam no cotidiano (GUIRAO *et. al.*, 2005; BARBOSA, 2006). Contudo, este programa não atende uma grande parte das crianças do entorno e não existe na FJPO nenhum programa que trabalhe com a comunidade adulta especificamente do entorno.

Esta pesquisa surgiu da necessidade de entender como a comunidade do entorno da Mata de Santa Genebra percebe o meio ambiente e os problemas socioambientais com os quais convivem, no intuito de construir um conhecimento compartilhado e contribuir para o desenvolvimento de ações educativas que envolvam a construção de novos olhares dos moradores sobre o bairro e novos valores em relação à complexa questão socioambiental.

Foram identificados ao longo do trabalho, projetos de assistência sendo desenvolvidos nesta comunidade, mas entendemos ser necessário que estas ações tragam aprendizados, trocas e diálogos.

O entendimento da visão de mundo das pessoas que ali vivem é fundamental para que as linhas de trabalho com a comunidade sejam definidas. O objetivo deste trabalho é identificar a necessidade de se desenvolver um programa de educação ambiental na Mata de Santa Genebra, que atenda a comunidade em geral, e que seja capaz de construir uma nova relação desta com a floresta da qual são vizinhas. Com esse conhecimento é possível definir metodologias de trabalho deste novo programa, assim como contribuir para o Plano de Manejo da Reserva.

Esta pesquisa se alimentou das referências da educação socioambiental crítica e do documento mais importante para esta educação ambiental, o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global.

## **2. O Tratado de Educação Ambiental Para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global Como Rumo Suleador<sup>1</sup>**

Enquanto a crise ambiental era discutida por representantes de diversos países na Conferência da ONU sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, ou Rio-92, realizada em 1992 no Rio de Janeiro, na tenda número seis do mesmo encontro, centenas de pessoas de diversas nacionalidades e formação discutiam e finalizavam o Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, um importante documento para a educação ambiental, redigido em português, espanhol, francês e inglês.

À medida em que os Chefes de Estado discutiam o conceito “desenvolvimento sustentável”, elaboravam a Agenda 21 e definiam estratégias de gestão, na tenda número seis, a discussão era intensa sobre o papel transformador da educação no processo de formação de valores e de sociedades mais sustentáveis e realmente democráticas.

O Tratado, assim como a educação, é um processo dinâmico, em permanente construção. Esta idéia dialoga com Freire (1996), quando ele diz que o mundo e as pessoas são inacabados, que nada é inexorável, e que não há apenas uma direção. Portanto, a consciência do inacabamento dos seres é fundamental para que a reflexão aconteça e para que o aprendizado seja um processo constante em todos os momentos de nossas vidas.

A educação ambiental deve contribuir no ato de desvendar e desvelar a realidade para as pessoas, de modo que seja possível pensar nas relações e nas ações de forma diferente, não de forma técnica, e sim interativa.

O primeiro princípio, dos dezesseis que o seguem, diz que “a educação é um direito de todos, somos todos aprendizes e educadores”. Com a educação bancária que Paulo Freire tão bem identificou e descreveu, a educação que nos engessa e que é hegemônica no modelo atual de desenvolvimento, esquecemos que em todo momento aprendemos e ensinamos algo. A “verdade” legitimada pela cultura da Ciência oprimiu os outros saberes de modo que as sociedades se

---

<sup>1</sup> Este termo possui o mesmo sentido da palavra “norteador”, mas usado desta forma, quebra o paradigma da posição superior conferida ao Norte em relação ao Sul.

conformaram com a idéia de que educação se faz somente na escola, na mera transmissão de conhecimentos. A educação ambiental, de acordo com o segundo princípio deve acontecer em qualquer lugar, em todos os seus modos, formal, não-formal e informal.

“A educação ambiental não é neutra, mas ideológica. É um ato político”. Qualquer posicionamento é criado pela ideologia que o move, seja ela parte da ideologia dominante ou não. A educação ambiental deve transformar as pessoas através da reflexão, para que elas possam agir politicamente na sociedade e nas suas condutas pessoais.

É responsabilidade da educação a recuperação, a reflexão, o reconhecimento e a valorização das culturas locais sendo possível, desta forma, potencializar o poder e o conhecimento destas comunidades de modo que elas possam conduzir seus próprios destinos.

A solidariedade, a cooperação, a igualdade, o respeito, até a própria natureza, a grande mãe de todos os seres vivos, estão muito distantes das pessoas, vistos de uma perspectiva global. Ao passo que os ensinamentos de Paulo Freire e do Tratado forem refletidos, discutidos e aplicados pelos educadores, a educação ambiental será construída de maneira crítica e popular, com foco nas pessoas, seus valores e suas relações.

### **3. A Educação Socioambiental Crítica e a Educação Ambiental Hegemônica**

A perspectiva de educação ambiental que vem se consolidando na sociedade reproduz o paradigma hegemônico de modo que a mudança aconteça apenas no comportamento das pessoas, na nossa postura perante aos problemas ambientais. Desta maneira, o foco desta educação ambiental que Carvalho (2001) denomina “Educação Ambiental Comportamental” não busca fortalecer a autonomia das pessoas, e sim a gestão de seus atos de modo que os valores não sejam questionados.

Guimarães (2004) compreende a educação ambiental “oficial” (ou hegemônica) como uma “Educação Ambiental Conservadora” cujo alicerce é essa visão de mundo fragmentada, individualista, reducionista, incapaz de perceber a realidade enquanto algo complexo, incapaz de perceber a educação como um processo transformador de valores e não apenas de comportamentos.

A educação ambiental crítica e popular dialoga com outros tipos de conhecimento, busca a reflexão, a transformação, a autonomia, os sentimentos das pessoas, a alteridade, ou seja, a consciência do outro, valores que o sistema dominante deletou nas pessoas.

A concepção freireana de educação está no âmago desta educação ambiental cujo foco é a autonomia das pessoas. O processo educativo é político, a educação ambiental popular forma e transforma “sujeitos políticos capazes de agir criticamente na sociedade” (CARVALHO, 2001. p. 46).

As pessoas não estão no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra, em todo momento há o que ensinar e o que aprender, é o exercício de viver e conviver que educa (FREIRE, 1996; BRANDÃO, 1981). A dimensão da educação no sistema atual vigente é desfocada de seu real valor, a educação para o capitalismo é um bem de uso, um bem de mercado, por isso é paga e custa caro. Além disso, a educação formal é dirigida de modo a impedir mudanças - para sustentar o paradigma capitalista (BRANDÃO, *op cit.*).

Já dizia Paulo Freire (1996) que “ensinar não é apenas transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou sua construção”. O educador deve ter sensibilidade para transmitir ao outro a realidade concreta, resgatando valores e aceitação do educando enquanto ele mesmo (MAKIUCHI, 2005).

A educação ambiental “hegemônica” não entende que a mudança na relação das pessoas com o ambiente está no contexto de transformação da sociedade. A crise é socioambiental (escrito junto), e perpetuando o pensamento hegemônico que separa a sociedade do ambiente, a mudança só acontecerá na maneira de gerir as atitudes.

## **4. As Representações Sociais**

### **4.1 A Teoria das Representações Sociais**

O conceito de representação social possui profundas raízes na sociologia e se faz bastante presente na antropologia e na história das mentalidades. A expressão “representação social” remete ao conceito de representação coletiva, de Émile Durkheim, retomada e teorizada por Serge Moscovici, no âmbito da psicologia social. Sua matriz está contida na obra *La Psychanalyse, son image, son public*, publicada na França em 1961 pelo mesmo autor (ARRUDA, 2002).

A Teoria das Representações Sociais surgiu neste período de transição de paradigmas, gerador da crise atual e que contribuiu para a abertura de novas teorias, como as representações sociais (SANTOS, 1989 *apud* ARRUDA, *op. cit.*). Reigota (2004) cita que segundo Moscovici (1976), “uma representação social é o senso comum que se tem sobre um determinado tema, onde se incluem também os preconceitos, ideologias e características específicas das atividades cotidianas (sociais e profissionais) das pessoas. Para Minayo (2000), este conceito diz respeito ao entendimento da consciência e da realidade das pessoas, ou seja, da visão do mundo que elas sustentam a partir da vivência em seu próprio contexto.

Existem várias interpretações ou representações dos acontecimentos sociais de acordo com a visão de quem analisa. Sendo assim, estes são conceitos não estabelecidos, qualitativos e dinâmicos, que possibilitam às pessoas a percepção das diferentes visões, assim como as idéias, sentimentos, valores e ações.

As pessoas têm pensamentos e condutas de acordo com os valores que as movem. Diante da diversidade de entendimentos, precisamos respeitar a existência das diferentes verdades,

afinal não existe a “verdade legítima”, ao contrário do que o pensamento científico cartesiano e tecnicista propõe. Este respeito vem da consciência da existência do outro, do direito do próximo pensar e expor o que acha certo e do diálogo entre as diferentes representações.

## **4.2 Ferramentas Para a Construção do Trabalho**

Esta pesquisa é qualitativa. Os dados qualitativos são ricos em detalhes, sentimentos, percepções, lembranças. A realidade ultrapassa os fenômenos percebidos, trazem para a análise o subjetivo e o objetivo, os atores sociais e seus significados, valores, crenças e atitudes, assim como o sistema de valores do cientista (MINAYO, 2000).

É a natureza dos problemas que determina o método, assim “como cada teoria possui um modo próprio de lidar com dados de acordo com a visão de mundo que a sustenta” (MINAYO, 2000 p. 35). Nos estudos de caso, as interpretações de um contexto são muito enfatizadas e para que haja uma apreensão completa da situação em questão, é preciso levar em consideração o contexto no qual ela está inserida, buscando retratar a realidade de forma completa e profunda, concomitantemente aos dados etnográficos (LÜDKE & ANDRÉ, 1996). Este é o estudo de um caso específico à comunidade do entorno da Mata de Santa Genebra, mas pode contribuir para outros trabalhos que possam vir a ser realizados com comunidades viventes no entorno de outras Unidades de Conservação.

O primeiro contato com os participantes desta pesquisa se deu a partir do envio de um convite para os pais das “Crianças do Entorno” pela facilidade de acesso a eles. Este convite foi enviado através das crianças e continha campos para preenchimento das datas e horários disponíveis para a entrevista. Foram enviados vinte convites, sendo que apenas oito retornaram, representando um retorno de 40% do total de convites enviados. Destas oito pessoas que concordaram em participar, três desistiram. Os outros participantes foram convidados para a entrevista através do contato por telefone, registrados na ficha de inscrição das crianças. Muitas pessoas chegaram a não atender as ligações, enquanto outras se desculparam e disseram que não podiam porque não havia tempo disponível.

Todas as pessoas que contribuíram para esta pesquisa são do sexo feminino, devido à maior disponibilidade para permitir este encontro, e a entrevista semi-estruturada foi realizada com nove mulheres responsáveis pelas crianças, durante os meses de junho, julho e agosto de 2007. Os bairros onde vivem são o Real Parque, Bosque de Barão e São Gonçalo e Recanto dos Pássaros, todos bem próximos à Mata de Santa Genebra.

Ainda que o número de pessoas seja limitado, os dados podem ultrapassar a estatística com sua riqueza de informações. As ferramentas adotadas para a obtenção dos dados foram a entrevista semi-estruturada, relatos e análise de documentos.

No momento em que os encontros foram agendados, foi combinado que estes aconteceriam nas casas dos participantes, porém duas preferiram conceber a entrevista na FJPO, o que prejudicou um pouco as respostas, devido àquele não ser o ambiente natural da pessoa.

O questionário da entrevista envolve levantamentos de cunho sócio-econômico, etnobotânico, de criação de animais nos quintais, religioso, cultural e de percepção ambiental. As respostas analisadas neste trabalho pertencem às perguntas “Pra você o que é meio ambiente?” e “Existem problemas ambientais no seu bairro?”, referentes ao levantamento de percepção ambiental.

As pessoas que participaram concordaram com a utilização do gravador, e em alguns casos, ao longo da entrevista surgiu uma interação que rendeu uma boa conversa. Algumas entrevistadas ficaram um pouco constrangidas, principalmente nas perguntas iniciais, que envolvem aspectos socioeconômicos. Na parte do questionário que envolve a pergunta “pra você o que é o meio ambiente?”, o constrangimento foi expresso através da voz baixa e tremida. Muitas das participantes não prolongaram suas respostas, respondendo apenas o que lhes estava sendo perguntado. A hipótese é de que a insegurança delas era relacionada ao medo de “responderem errado” para uma pessoa que estudava este assunto e “sabia mais”.

Há um trecho na entrevista que envolve o conhecimento etnobotânico. Este foi o momento que a maioria das entrevistadas mais demonstrou gostar, o momento mais interativo do encontro. As participantes falavam das plantas que cultivavam em casa, daquelas que podiam ser usadas como remédio, contavam casos de doenças de familiares e conhecidos que foram curadas com plantas, mostravam o quintal (quando existente), jardim e vasos.

Os dados obtidos foram transcritos e a análise de conteúdo foi realizada através do estabelecimento de categorias, de acordo com a base teórica inicial e que surgiram ao longo do trabalho. Esta categorização foi feita através da identificação de termos-chaves nas falas dos participantes, os quais trazem um conjunto de significados ligados à categorias já existentes na literatura revisada, de acordo com as classificações propostas por Sauvé (2005) e Reigota (2004).

### **4.3 As Representa es Encontradas**

Para Reigota (1994), o meio ambiente   um lugar determinado e/ou percebido onde estão em rela es dinâmicas e em constante intera o os aspectos naturais e sociais. Essas rela es acarretam processos de cria o cultural e tecnológica e processos históricos e políticos de transforma o da natureza e das sociedades. Reigota (2004) classifica um tipo de representa o social como “naturalista” (o meio ambiente   sin nimo de natureza) e este tipo se divide em dois subgrupos, um que considera o meio ambiente de “maneira espacial” (onde os seres vivos habitam) e outro que considera o meio ambiente enquanto “elementos circundantes” (bióticos e abióticos). Na denomina o “naturalista”, alguns autores consideram a natureza intocada como sendo de importância maior. O segundo tipo de representa o social sugerida por este autor   a representa o de meio ambiente como “segunda natureza”, a natureza transformada pela a o



humana que leva em consideração o ser humano enquanto ser social, vivendo e se relacionando em comunidades.

Sauvé (2003) propõe diversas representações de meio ambiente: “natureza”, “recurso”, “problema”, “sistema”, “lugar em que se vive”, “biosfera”, “projeto comunitário” e “território”. Para a análise dos discursos obtidos, foram utilizadas as classificações propostas por Reigota e Sauvé e foi possível observar que a maioria das respostas expressa a representação de meio ambiente como a natureza (intocada) que devemos preservar e conservar, por ser fornecedora de recursos necessários à vida humana como água, ar puro, clima bom e bem-estar, porém a idéia de que o homem é parte integrante da natureza parece estar distante destas pessoas (SAUVÉ, *op. cit.*; REIGOTA, *op. cit.*). O trecho a seguir é o que mais demonstra esta percepção:

*“Você fala das árvores, das coisas, da natureza? Hoje assim, tipo esses dias que tava aquele ar, tudo poluído né... é a falta da natureza porque se não tivesse desmatando né, a natureza não estaria assim, que antes a gente respirava melhor, tipo lá em Minas.. eu não sei, faz muito tempo que eu não vou mais lá né.. mas tem minha irmã e meu irmão que moram lá... então Andradas ainda e Poços de Caldas ainda é fechada por serras, a natureza, você sabe o que é frio lá, o que que é calor.. aqui você já não consegue saber mais nada.. por causa do .. ai muitas empresas né, poluição que tá, desmatamento, ninguém respeita mais nada.” (R, mãe de A).*

O próximo trecho demonstra que o meio ambiente, na concepção dela, é o “local onde vivemos” e indiretamente, ela inclui o homem nesta esfera:

*“Ui, agora você apertou! Lá vem ela com as perguntas (risos).. O meio ambiente, o meio ambiente é... tudo, é.. onde vivemos, o ar que respiramos... né.. a água que tomamos, os rios que a gente vê que tá cada vez mais defasado né.. mas o culpado é a população mesmo que num.. tem conhecimento, mas faz de conta que não tem né...” (E, mãe de G e L).*

A representação de meio ambiente como “problema” pode ser encontrada no seguinte trecho:

*“Eu acho que é cuidar né.. porque o negócio tá ficando feio (risos).” (P, mãe de D).*

Esta fala mostra-se confusa, pois a entrevistada não especificou o que é que precisamos cuidar, não está claro na resposta se o “negócio que está ficando feio” está relacionado apenas aos problemas relacionados aos aspectos naturais ou se abrange também os aspectos socioeconômicos e ambientais. De certa forma, há a consciência de que é preciso fazer algo, mas diante desta fala, não é possível compreender o que.

O próximo trecho demonstra uma resposta insegura (provavelmente gerada pelo medo de “não entender direito o assunto que está sendo perguntado”, pelo uso de gravador e pelo fato de ser uma pesquisa):

*“Ah, eu acho que é o contato com as plantas, os animais, eu acho que é isso, não entendo direito.” (L, mãe de S).*

Outro trecho que mostra outra representação encontrada:

*“Que que eu acho da melhoria aqui do bairro? O que precisava ter aqui no bairro mesmo, era uma escola pra estudar a noite, que não tem, um posto de saúde aqui mais perto, e o que mais? Uma creche, que precisava. Essas três coisas que eu acho que precisava mesmo né, mas o povo precisa lutar né... mas aqui quando foi feito, pediram.. o que eles pediram aqui? Foi o negócio do esgoto... coisa que eu acho que coisas que menos precisava, essas coisas... essa passarela, que é perigosa... já morreu muita gente ali.” (B, mãe de P, F e V).*

Neste caso, a entrevistada entendeu a pergunta como a melhoria que é necessário para o bairro e essa associação nos permite relacionar a visão de meio ambiente dela como o “local onde vivemos”. No caso, o bairro citado na resposta realmente necessita de melhorias, pois é uma área de ocupação sem infra-estrutura para sustentar uma boa qualidade de vida para as pessoas que ali vivem. Esta resposta está associada à pergunta seguinte do questionário, mas esta participante a respondeu durante esta questão.

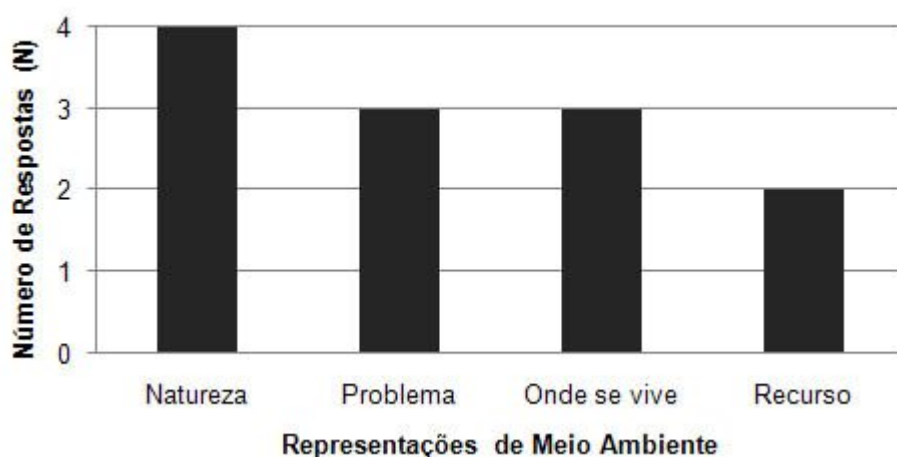
*“O meio ambiente pra mim? Ah, o meio ambiente pra mim primeiro é isso aí que eu te falei, né, a união do pessoal pra manter, preservar aquilo que tem, né.. não é da prefeitura, nem o governo não, é o povo mesmo. Ahn... é isso aí o meio ambiente pra mim, cuidado com as reservas, cuidado com as plantinhas, mesmo que seja um pedacinho igual àquele ali. Quando eu cheguei aqui (falando da proprietária da casa, bem baixinho: tava tudo cheio de bituca, sujo, ela fuma e joga o cigarro ali), eu catei tudo, vira e mexe eu tô catando, catei tudo mas era um monte assim, era pedra, caco, cigarro, aquele pedacinho de terra tava, judiação, dava dó de ver. Eu peguei um domingo, cheguei da padaria (onde trabalha), troquei de roupa, fui ali, limpei tudo. Ali eu plantei cebolinha, ó, tem ali uma flor, uma florzinha que é, azálea, que eu, eu trouxe duas mudinhas de azálea e plantei, eu plantei bálsamo... eu plantei uma série de coisinhas ali, entendeu?... Então eu acho que meio ambiente é isso, não é você viver no lixo, é você viver né, em contato assim, com a natureza. Eu morei no Pantanal gente, olha, seis, cinco horas da manhã eu levantava, porque era só fogão a lenha, eu cozinhava pra peão, mas era a coisa mais linda do mundo. Olha eu nunca mais vi aquilo na minha vida, que coisa maravilhosa... sabe, as arara (sic) tudo rasgando o céu, aquele bando de ave, linda... então, não tem coisa melhor, sabe? É aí, até quando você tiver estressada, nervosa, sabe agitada, experimenta tirar o sapato e pisar na terra, ou na grama, não tem coisa melhor.. é a terapia do pessoal de roça é essa, pisar descalço na terra quando tá nervoso, é pra descarregar mesmo, aquela energia vai embora sabe... Então, é meio ambiente pra mim é isso aí, mesmo que seja um vasinho, um pedacinho de chão, você pegar, limpar, você cuidar, você plantar, você zelar... entendeu? É meio ambiente...” (M, mãe de H).*

Neste relato, podemos notar que na visão da participante, embora o meio ambiente envolva os aspectos naturais, é a união dos seres humanos que é capaz de preservar a natureza, de manter limpo o local onde vivemos. Não depende apenas do governo, a sociedade é que precisa

se manter coesa para cuidar do patrimônio natural, é preciso estar em contato com a natureza para perceber que é necessário preservá-la. Não importa a dimensão do meio ambiente, a partir do momento em que há a união, há preservação de “tudo que tem”. Nesta fala podemos entender que a visão de meio ambiente desta entrevistada ainda é predominantemente naturalista, mas a consciência de que é necessário preservar está clara, é necessário manter o “local onde vivemos” limpo. A ligação desta participante com aos aspectos naturais mostra-se romântica, demonstrando emoção ao falar de experiências vividas no Pantanal (o santuário ecológico lindo e diverso em vida) e ao falar da terapia do pessoal da roça, do descarrego de energia, do “pisar na terra”.

Podemos identificar nas falas alguns termos como: coisas da natureza, falta da natureza, desmatamento, empresas, poluição, rios defasados, água poluída, plantas, animais, saúde, liberdade, respeito, cuidado, onde vivemos, tudo, povo, luta, união, manter, preservar, limpeza, zelo.

Nestes termos podemos identificar quatro tipos de representações de meio ambiente, segundo Sauvé (2003). O primeiro tipo traz a visão naturalística de meio ambiente, sin nimo de natureza intocada, considerando seus aspectos naturais e físico-químicos, excluindo o ser humano deste contexto (REIGOTA, 2004). Neste tipo de representa o a natureza   algo para apreciar, respeitar e preservar (SAUVÉ, *op. cit.*). O segundo tipo entende o meio ambiente como recurso, que podemos gerir e repartir. A terceira representa o identificada tem o meio ambiente como problema, que precisamos prevenir e resolver. E a visão de meio ambiente como o local onde se vive, o bairro, a casa, a cidade, por exemplo, foi o quarto tipo identificado. Em um único discurso pode-se identificar mais de um tipo de representa o. O gráfico a seguir (FIGURA 2) demonstra as representa es encontradas de maneira quantitativa:



Considerando o meio ambiente como natureza apenas em sua dimensão natural, como nota-se em quase todas as respostas apresentadas até agora, podemos dizer que na origem dos problemas ambientais que enfrentamos na atualidade, existe uma lacuna entre o ser humano e a natureza, que   importante eliminar, reconhecendo os vínculos existentes entre a diversidade tanto biológica, como cultural, e dar valor a essa diversidade “biocultural” (SAUVÉ, 2005).

Sem os ciclos da matéria e energia não há vida. Segundo Sauvé (2003), ao considerar o meio ambiente como um recurso, o homem   excluído deste contexto. Sob esta  tica, a visão que se tem   essencialmente utilitarista, como se a natureza fosse algo que o homem pode gerir e usufruir. Os recursos que a natureza prov    vida humana são principalmente a água, o ar, o solo, a energia, as plantas, os animais, o patrim nio constituído (a partir de matéria-prima extraída), entre outros.

A visão de meio ambiente como um conjunto de problemas que devemos prevenir e solucionar surgiu em princípios dos anos 70, quando as problemáticas ambientais se revelaram como fatores agravantes na sobrevivência das espécies do Planeta.   necessário desenvolver habilidades de investiga o crítica da realidade do meio onde vivemos e consciência de que os problemas ambientais são associados a questões socioambientais, para que assim tais problemas sejam refletidos de maneira crítica e complexa (SAUVÉ, 2005).

Ao considerar o meio ambiente como sendo o lugar onde se vive, estamos nos referindo ao ambiente da vida cotidiana, a escola, a casa, o bairro, o trabalho, etc. O lugar onde se vive   o primeiro passo do desenvolvimento de uma responsabilidade ambiental, de um sentimento de pertencimento e valoriza o da própria cultura e história (SAUVÉ, *op. cit.*).

Os outros tipos de representa es de meio ambiente que Sauvé (*op. cit.*) propõe não foram encontrados nos discursos das participantes. Mesmo assim,   válido compartilhar as outras representa es que a autora cita. O meio ambiente representado como "biosfera",   onde vivemos juntos e somos interdependentes em um nível mundial. Se considerarmos o meio ambiente como "projeto comunitário", estamos nos referindo a um lugar de coopera o e de parceria para realizar as mudanças, na sinergia do coletivo. Desta forma,   preciso que os diferentes saberes dialoguem para que as pessoas vivam em conjunto de uma forma mais harmoniosa. A representa o de meio ambiente como "sistema" traz a idéia de um pensamento sist mico que considere e analise os componentes e as rela es do meio ambiente como um "eco-sócio-sistema"

Nota-se que a maioria das entrevistadas respondeu que meio ambiente relaciona com o ambiente natural e os recursos obtidos dele para satisfazer as necessidades humanas. Para a reflexão acerca desta visão, a educa o ambiental busca explorar os vínculos existentes entre identidade, cultura e natureza, trazendo a consciência e o reencontro com a identidade e as rela es de ser vivo, entre os demais seres vivos.

## **5. A Floresta Como Vizinha, o Pertencimento e Planos de A o**

O desenraizamento do ser humano de seu contexto   fruto da lógica individualista do sistema de desenvolvimento hegemônico. Com isso, as rela es que nos tornam humanos passaram a ser desconhecidas e os interesses alimentam apenas nosso próprio bem-estar. As rela es de vida se tornaram artificiais, mecânicas, levando   não-responsabilidade do ser humano para com seu entorno (S , 2005; LESTINGE, 2004).

A ciência moderna legitimou a crença de que o pensamento científico é capaz de reverter as crises políticas e ambientais construídas na sociedade. Os saberes fragmentados pela lógica do sistema são perpetuados pela educação formal (BRANDÃO, 1981).

Nós humanos compartilhamos o mundo físico com todos os seres vivos, mas ao mesmo tempo somos estranhos e distantes a eles. As comunidades vizinhas de remanescentes florestais, por exemplo, vivem muito próximas da floresta, mas ao mesmo tempo muito distantes.

Com o tombamento da Mata de Santa Genebra, a floresta se tornou refúgio de plantas e animais, porém em um modelo norte-americano de preservação da natureza, sem incluir o ser humano no exercício da conservação e manejo (CAMARGO, *et. al.*, 2004). A cerca e o vigia materializam esta condição. As populações tradicionais, vizinhas de parques e fragmentos florestais, ao invés de serem expulsas de suas terras ou impedidas de manter qualquer contato, deveriam ser valorizadas, a riqueza de saberes contribuiria para um manejo efetivo da floresta. Estes saberes devem ser conhecidos, reconhecidos. E para que este vínculo da comunidade com a floresta seja reconstruído, é essencial que as pessoas sintam que pertencem àquela história, àquele lugar.

A proposta metodológica de Sá (2005) para o resgate deste pertencimento é essencial na fundamentação de um programa de educação ambiental para a comunidade do entorno da Mata de Santa Genebra. Propõe-se então, para este novo programa, uma metodologia cujas idéias matrizes sejam, de acordo com Sá (2005, p. 254):

- Trabalhar com a condição existencial subjetiva que partilhamos com as demais espécies planetárias;
- Identificar o grau de diversidade viva (natural e cultural) no contexto local, e considerar criticamente suas conseqüências sobre a construção da noção de pertencimento;
- Comparar a relação de dominância entre os princípios da solidariedade e da competição na organização dos ecossistemas e nas relações humanas da sociedade atual;
- Significar o enraizamento humano no mundo físico e no mundo biológico, e suas implicações para a compreensão dos jogos sociais;
- Levantar e debater as cosmologias a respeito da relação sociedade/natureza, na linguagem mítica, ideológica, filosófica e científica, em sociedades antigas e atuais;
- Mapear a ideologia individualista nas situações cotidianas e atuar pedagogicamente no sentido de fazer pontes com níveis de realidade esquecidos;
- Identificar padrões de dominação dos modos tecnológicos contemporâneos de organização humana sobre autonomia dos indivíduos/sujeitos.

O Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global não pode se tornar obsoleto nas práticas de educação ambiental, a sua riqueza pode trazer muitos valores à práxis. Desta maneira, propõe-se para este programa:

- O trabalho a partir das realidades locais;
- O incentivo para a produção de conhecimentos, políticas, metodologias e práticas de educação ambiental em todos os espaços de educação formal, informal e não-formal, para todas as faixas etárias;
- O estímulo de posturas individuais e coletivas;
- A valorização e a divulgação de informação sobre o saber e a memória popular;
- A formação de novos educadores ambientais dentro da comunidade;
- A reflexão sobre a autonomia dos membros da comunidade;
- A promoção da co-responsabilidade pelo meio ambiente e pela Mata de Santa Genebra, a vizinha mais frágil da comunidade.

## **6. Considerações**

Os resultados desta pesquisa apontam que todas as participantes possuem uma visão não muito clara a respeito da complexidade da questão ambiental e da problemática de nossas relações com o ambiente. Das representações identificadas nas falas das participantes, a maioria remete a um pensamento utilitarista da natureza, como se o meio ambiente fosse um recurso para manter a vida, assim como a sua qualidade, dos seres humanos. Embora a questão ambiental seja complexa, a fragmentação do saber é resultado da educação que recebemos, de como aprendemos a enxergar o mundo, do paradigma que nos ensinou a separar, e não a unir os conhecimentos, desconsiderando as dimensões sociais, políticas, culturais, éticas, enfim toda a complexidade que envolve tais questões ambientais (MORIN, 2000).

A noção de que o meio ambiente envolve os aspectos naturais está presente, porém a esfera social encontra-se distante das concepções das pessoas pesquisadas. Há a noção de que o homem depende da natureza, mas nenhum discurso foi claro no sentido de que o homem pertence a ela.

Apesar do número de entrevistas ser insuficiente para expressar a diversidade de representações sociais desta comunidade, este resultado aponta no sentido de desenraizamento e perda de contexto socioambiental, fato presente na atual sociedade e suas inter-relações, consequência de um paradigma reducionista e colonizador.

As comunidades tradicionais, por exemplo, convivem há milhões de anos com a natureza e não a destroem como a nossa civilização ocidental vem fazendo há menos de um século. Estes povos se preocupam com o equilíbrio da natureza, porque se sentem parte dela, conhecem seus

ciclos e vêem os outros seres como irmãos. Conhecem seus territórios, seus vizinhos, os recursos que podem utilizar e são movidos por dois princípios básicos, a partilha e a solidariedade interna. Ao contrário da lógica do sistema capitalista que é acumular e desperdiçar, o pensamento das populações tradicionais é domesticado para o não-acúmulo.

A criação de Reservas Florestais, Parques Estaduais e Unidades de Conservação segue um modelo que desvaloriza a presença humana, assim como o conhecimento popular construído pela convivência da comunidade com a floresta. Nem mesmo as leis reconhecem os direitos territoriais dessas populações, então estas acabam por se distanciar de seu território e de suas origens.

Assim, tendo em vista que nesta comunidade este problema de desenraizamento também está presente, tanto em relação à floresta como ao meio, faz-se necessário um programa de educação ambiental que trabalhe para a união dos conhecimentos, para o entendimento da complexidade acerca do meio ambiente e suas esferas e para uma releitura do ambiente onde vivem e de seus diversos problemas socioambientais.

Através dos resultados obtidos pode-se concluir que este programa é necessário e urgente. Entendemos que esta urgência não é apenas no contexto do entorno da Mata de Santa Genebra, e sim no contexto das Unidades de Conservação em geral. A sugestão é que a abordagem metodológica deste novo programa trabalhe a dimensão humana do meio ambiente, trazendo o entendimento de um ambiente formado por um conjunto de elementos biofísicos, no qual se estabelece a vida, com suas dimensões históricas, culturais, políticas, econômicas, etc.

O ponto de partida para a mudança é o autoconhecimento, o situar-se no Universo, o resgate de uma identidade local, no caso destas pessoas, o “sentir-se vizinho” de uma floresta, pensando e atuando como co-responsáveis por ela.

Assim, um trabalho no sentido de resgatar o sentimento de pertencimento desta comunidade em relação à Mata, ao meio ambiente, e ao Planeta, para transformar essas relações é fundamental (SÁ, 2005), e a educação ambiental crítica pode ser um rico caminho a ser trilhado nesta direção.

## **7. Referências Bibliográficas**

- ARRUDA, A. Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gênero. Cadernos de Pesquisa, n. 117, 2002.
- BARBOSA, R.V. Uma vivência em Educação Ambiental não-formal na ARIE Mata de Santa Genebra, Campinas-SP. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Ciências Biológicas, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2006.
- BRANDÃO, C.R. O que é educação. São Paulo: 1981.
- CAMARGO, T.S.; MONTEIRO, A.F.; BRIGITTE, P.; IKEMOTO, E; AMORIM, A.C.R.; OLIVEIRA JUNIOR, W.M.; PRADO, G.V.T.; TAMASHIRO, J.Y.; MARTINS, E.R.F. As sensibilidades dos

moradores do entorno sobre a Reserva Florestal da Mata de Santa Genebra, Campinas, São Paulo, Brasil. In: SANCHES, S.; JUNYENT, M.; GELI, A.M. (orgs.) *Ambientalización Curricular de los Estudios Superiores*. Girona: 2004.

CARVALHO, I.C.M. "Qual educação ambiental? Elementos para um debate sobre educação ambiental e extensão rural". *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, Porto Alegre, 2 (2), 2001.

FÓRUM GLOBAL. *Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global*. Rio de Janeiro, 1992.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: 1996.

GUIMARÃES, M. *Educação Ambiental Crítica*. In: LAYRARGUES, P.P. (org.). *Identidades da Educação Ambiental Brasileira*. Brasília: MMA, 2004.

GUIRAO, A.C.; LUCA, A.Q.; MARTINS, S.K.B.; POLETTINI, D.; HIGA, J.S.; PORTO, M.Y. *Diagnóstico socioambiental participativo com crianças de comunidade carente do entorno da ARIE Mata de Santa Genebra, Campinas-SP*. Congresso Aberto de Estudantes de Biologia, UNICAMP, 2005.

LESTINGE, S.R. *Olhares de Educadores Ambientais para estudos do meio e pertencimento*. Tese (Doutorado em Recursos Florestais), Universidade de São Paulo. Piracicaba, 2004.

LÜDKE, M.; ANDRE, M.D.E. *A pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: 1986.

MAKIUCHI, M.F.R. *Alteridade*. In: Ferraro Júnior, L.A. (org.). *Encontros e caminhos: formação de educadores ambientais e coletivos educadores*. Brasília: MMA, 2005.

MINAYO, M.C.S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Rio de Janeiro: 2000.

MOSCOVICI, S. *La Psychanalyse, son image et son publique*. Paris: 1976.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: 2000.

POLYDORO, D.S.; GABRIEL, C.A.; SOUZA, S.M.F.; BISINOTO, L.A.T.; OLIVEIRA, L.B.; FARIA, A.F.; LISI, L. *Reserva Florestal de Santa Genebra: Conhecer para Conservar*. Campinas: 2000.

REIGOTA, M. *O que é Educação Ambiental*. São Paulo: 1994.

REIGOTA, M. *Meio ambiente e representação social*. São Paulo: 2004.

SÁ, L.M. "Pertencimento". In: FERRARO JÚNIOR, L.A. (org.). *Encontros e caminhos: formação de educadores ambientais e coletivos educadores*. Brasília: MMA, 2005.

SANTOS, B. S. *Introdução a uma Ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: 1989.



SAUVÉ, L. Uma cartografia das correntes em educação ambiental. In: SANTOS, J.E. dos; SATO, M. (Orgs.) A Contribuição da Educação Ambiental à Esperança de Pandora. São Carlos: 2003.

SAUVÉ, L. "Educação Ambiental: possibilidades e limitações". Educação e Pesquisa, São Paulo, 31, (2): 2005.